

## SEM OLHAR PARA TRÁS

De Manuela Valério

No Outeiro Cimeiro na década de sessenta viviam quarenta pessoas. Hoje restam quatro. Nunca foi uma aldeia jovem. A maior parte da população rondava cinquenta anos. Por lá corriam cinco crianças. Os mais novos casavam e iam procurar vida fora dali. Onde fosse mais fácil, mais promissor, mais farto.

Criar raízes por aquelas bandas era sinónimo de uma vida de agruras. Trabalhava-se na agricultura e era só. Os magros salários que entravam naquelas casas vinham do muito suor deixado na terra. Era um trabalho sobretudo de subsistência. Permitia sobreviver e não mais do que isso. O meu pai trabalhou como pastor para a Casa Grande. A Dona Josefina, proprietária da Casa Grande e de tudo o que a nossa vista alcançava, pagava-lhe 1700 escudos. Éramos quatro lá em casa e seria impossível pensar em comer todos os dias se não se controlasse com mão espartana o destino de cada cêntimo. Todos colaboravam e contribuía para o sustento da casa. Mantínhamos galinhas, algumas cabras, um porco e a inevitável horta. Eu e a minha irmã fazíamos o que nos mandavam e todos os dias tínhamos uma lista interminável de tarefas. A minha mãe fazia a lide de casa e ia aceitando os diferentes trabalhos agrícolas que iam surgindo ao longo do ano: a ceifa, a monda, a apanha da azeitona...o que houvesse.



*Manuela Valério, irmã e primo*

A aldeia era pequena e não tinha escola primária. Para ir à escola seguíamos para o Outeiro Fundeiro através de um caminho de terra batida e que em certas partes mais parecia uma vereda. Até atravessávamos um pinhal. Depois da escola, nova caminhada para casa. Lanchava e lá regressava eu ao Outeiro Fundeiro para recolher as cabras que tinham ficado a pastar durante o dia. Essa era apenas uma das tarefas que eu e a minha irmã fazíamos diariamente quer chovesse ou fizesse sol. Cada uma destas viagens contava com um quilómetro e meio. Era essa a distância que tínhamos de percorrer também de cada vez que a nossa mãe nos mandava fazer algum recado como ir à mercearia ou comprar tabaco para o avô. Tudo se fazia pelo caminho do pinhal. Era esse o nervo que nos ligava ao mundo. Era para o Outeiro Fundeiro que

tudo confluía; era aquela terra o centro do nosso mundo. Era lá que tínhamos escola, mercearia, telefone e correio. Não havia carteiro e toda a correspondência da zona ia para a casa dos feitores da Casa Grande. Era a essa porta que íamos bater para saber se tinha chegado carta.

Brincar era o que às vezes se podia fazer nos intervalos das tarefas que nos estavam destinadas. Eu e a minha irmã apanhávamos azeitona, cortávamos mato, acartávamos cântaros de água à cabeça e ceifávamos trigo. E este último trabalho tinha de ser feito das três até às nove da manhã. Tinha de se parar a essa hora porque com o calor o trigo começava a debulhar. Ir à escola também era uma tarefa. E na minha opinião, das mais penosas. Só fiz a quarta classe. Para se continuar a estudar, só indo para Belver. Os meus pais não tinham como pagar por esse luxo. Estudar não era um dado adquirido, era antes um privilégio pelo qual se tinha de lutar muito.

O Natal era apenas mais um dia que o calendário marcava. Não havia prendas. Só uma ou outra vez é que aparecia uma moedita na meia que era deixada na chaminé. Para falar a verdade, acho que nem tínhamos bem a noção de quando era o dia do nosso aniversário, quanto mais comemorá-lo! Só se fazia um pão-de-ló de vez em quando e se os ovos não fizessem falta para mais nada. Não tínhamos significado para a palavra sobremesa. Talvez a coisa mais próxima a isso seria a fruta que colhíamos no nosso quintal, ou que discretamente subtraíamos aos quintais dos vizinhos.

O único presente da minha infância ganhei-o em Belver quando contava nove anos. O meu pai era sócio da Casa do Povo que era o que funcionava como uma espécie de segurança social da altura. Nesse ano decidiram dar presentes aos filhos dos associados. Eu ganhei um fogão com uma bilha de gás e umas panelas. A minha irmã ganhou uma boneca. Parecia mentira: eu com um brinquedo! Durante muito tempo aquele fogão foi a coisa mais preciosa e estimada da minha vida. Tinha uma importância tal que eu passava horas a admirá-lo, mas sem lhe tocar para não o estragar. O único brinquedo da minha infância não servia para brincar, mas sim para contemplar me pareceram dois minutos.

Só voltei a estudar aos dezasseis anos: Nessa altura vinha uma carrinha que nos levava até Belver. Daí íamos de autocarro até Gavião. Fiz só um ano e acabei por desistir. Os outros aulos eram bem mais novos que eu e a vergonha sobrepôs-se à vontade. A vontade, essa, só voltou bem mais tarde; já tinha quarenta anos quando completei o nono ano. Mas quando se quer, faz-se.

Os meus dezassete anos foram rápidos e intensos. Foi-me diagnosticado um bloqueio no coração numa consulta de rotina em Abrantes. Depois do eletrocardiograma ficou a certeza de um internamento e de que para o resto da vida me ia acompanhar um coração fraco. Fiquei internada em Lisboa no Hospital Santa Maria durante duas semanas. A verdade é que não me fizeram tratamento algum e acabei por ter alta e regressar a casa mesmo a tempo de assistir à inauguração da chegada da luz elétrica à aldeia.

A chegada da luz ao Outeiro Cimeiro foi realmente um acontecimento. Digno da melhor roupa domingueira. Acho que ninguém tinha a real percepção de como a vida iria mudar. Mas mesmo essa incerteza nos deixava ansiosos e certos de que o que pudesse vir a seguir seria sempre melhor. A aldeia estava ansiosa por viver essa mudança. Acabava-se o despir e vestir às escuras, o pôr o petróleo nos candeeiros, o deitar com as galinhas, o medo de andar na rua à noite. Querer ver de noite e para isso só ter de carregar num interruptor parecia magia. A luz elétrica vinha iluminar a nossa vida e todos se sentiram na obrigação de a ir receber como se de uma personalidade se tratasse.

Foi atada uma fita a atravessar a rua. As gentes da terra rodeavam o sítio marcado trazendo solenidade mas sobretudo curiosidade. Foi entregue uma grande tesoura a uma das crianças da aldeia que quase a medo lá cortou a fita. O evento foi de tal ordem que teve direito a copo d'água. Naqueles dias as datas solenes assinalavam-se no calendário e no estômago. E para falar a verdade, acho que foi o único evento que os marcou enquanto comunidade. Talvez porque nos trouxe um sentimento de pertença, de integração. Não estávamos totalmente esquecidos. Era difícil não nos sentirmos esquecidos e parados no tempo naquela aldeia. A luz elétrica veio contrariar essa certeza.

Ao Outeiro Cimeiro a água canalizada fez-se chegar depois da eletricidade. Muito depois, aliás. Para usar água em casa tínhamos de a ir buscar à fonte e acartá-la à cabeça em cântaros. Eu e a minha irmã fazíamos esses quinhentos metros que distavam a fonte da nossa casa vezes sem conta. Até para regar as flores do quintal se tinha de tomar o peso à água. Toda a aldeia se servia daquela fonte. Quando o meu filho mais velho nasceu, ainda se ia buscar água à fonte. Só em meados da década de oitenta é que as primeiras torneiras se foram timidamente instalando nas varandas das casas. Na minha infância a casa de banho era onde calhava, na verdade. A primeira casa de banho que tive foi na casa para onde fui depois de casar. No Outeiro Cimeiro, para os quatro teimosos que restam, é o método da torneira da varanda que continua a vingar.

Com dezassete anos eu e a minha irmã fomos para Belver trabalhar nos teares; onde hoje é o Museu das Mantas. Foi por lá que conheci aquele que viria a ser o meu marido. Esse rapaz era de Belver, mas quando nos conhecemos já trabalhava em Lisboa. Para nos vermos aos fins de semana, lá ia ele a pé para o Outeiro Cimeiro. O caminho de regresso, muitas vezes, já o fazia de noite. Era uma viagem penosa. Ainda mais



para se fazer sozinho, só com a lua por companhia. Foram essas caminhadas que fizeram com que poupasse dinheiro para comprar uma motorizada. Com ela conseguiu-se estreitar o tempo da viagem e prolongar o tempo disponível para namorar.

Casámos pelo civil no dia de Santo António. Não pela simbologia, mas porque era o feriado de Lisboa, ele não trabalhava e era oportuno. O casamento pela igreja chegou dois meses depois, *Manuela Valério e noivo* a treze de agosto.

O casamento exigia um planeamento de meses. Criavam-se borregos, porcos e galinhas. Uma semana antes começavam a fazer-se os bolos. Era um mar de cavacas a secar em cima de redes improvisadas. Bolo de mel, esquecidos, pão-de-ló, lagartuchas, broas...fazia-se o que durasse mais tempo sem se estragar. A quantidade ia de encontro ao número de convidados. Cada um tinha direito a um saco de bolos. Aos padrinhos era oferecido um tabuleiro bem recheado com tudo aquilo que se fizesse.

Nessa semana as mulheres da aldeia ajudavam a fazer os bolos e era-lhes oferecido o almoço em casa da noiva. Na véspera do casamento os noivos faziam um jantar para os respetivos convidados.

O dia do meu casamento foi também o dia do funeral da Dona Josefina, que levou consigo para o cemitério a grandeza da Casa Grande.

Logo num dia tão importante, a luz teimava em faltar. Na verdade, havia de compreender que ela era ainda uma recém-chegada e que eram ainda muitos os dias em que ela nos brindava com a sua ausência. Enquanto uma das minhas convidadas, que era cabeleireira, me fazia o penteado a luz faltou vezes sem conta. O meu cabelo, esse que era bem comprido, ficou exatamente como eu queria: todo aos canudos que era o penteado sensação da época.

O meu vestido de noiva foi-me emprestado pela minha cunhada. Já era até aos pés! E servia que nem uma luva. A minha prima emprestou-me o véu. Era comprido e tinha uma coroa à frente. Meu, era só o ramo. Fui comprá-lo à Casa das Noivas em Abrantes. Era pequeno e artificial. Tinha uma flor branca e era ladeado por uma fita branca. Era normal os ramos de noiva serem de flores artificiais. Não era qualquer noiva que conseguia ir buscar o ramo de flores naturais no próprio dia do casamento. Eu estava linda e muito feliz. Casámos em Belver. Mandava a tradição que a cerimónia tivesse lugar na terra da noiva mas no Outeiro Cimeiro só existia uma capela e nunca ninguém lá se tinha casado.



Depois da cerimónia da igreja seguimos para o copo d'água na escola velha, em Belver. Era mais conveniente festejar na terra do noivo. As normas ditavam que era na terra da noiva que se festejava, mas para isso teríamos de deslocar os convidados várias vezes num só dia; perdia-se o tempo na viagem. Optámos pela lógica em detrimento da tradição e no dia do casamento festejámos em Belver.

*Casamento em Belver*



*Casamento em Belver*

O segundo dia fomos então para o Outeiro Cimeiro receber os convidados. Eu tinha perto de trinta convidados e o meu marido uns quarenta. O bolo de noiva ficou a cargo da cozinheira a quem foi encomendada a comida. Era de pão-de-ló, e mais não soube até que o vi. Só pedi que fosse redondo e forneci os noivos para colocar no topo.



*A cortar o bolo de noiva*



*Copo de água*

Na noite do casamento, quisemos continuar a festejar em Domingos da Vinha onde havia uma festa de verão. Lá fomos nós espalhar felicidade: os noivos, primos e alguns amigos. Mas o dia ia longo e os mais cansados quiseram vir embora mais cedo. O grupo acabou por se dividir e a maior parte quis ficar a dançar pela noite fora. E até que a noite correu bem, pelo menos até chegar à parte de regressar a casa; tínhamos um Mini para transportar nove pessoas! Lá nos enfiámos a custo dentro do

carro que coitado, se arrastou até Belver onde chegámos agoniados e amassados!

Para podermos começar a nossa vida alugámos uma casa em Belver por 2.500 escudos. Por lá ficámos cinco anos. Dessa casa ficaram só boas recordações de tempos muito felizes. Bem, felizes tirando um pequeno episódio que ainda hoje me arrepia e que contribuiu para potenciar o que ainda hoje é um medo que me paralisa. Começo do início: eu tenho medo de cobras. Sempre tive. Mesmo em criança, todas as cobras que víamos no caminho para a escola, matávamos. De longe, atirávamos pedras atrás de pedras até ter a certeza que o bicho já não se mexia. E agora ali estava: a gozar a minha vida nova, na minha casa nova...e com três cobras como hóspedes! Três! O problema maior não foi terem sido três, o que me deixou à beira de um ataque de nervos foi que se só se conseguiu encontrar e matar duas. A terceira nunca mais foi vista. Não fomos capazes de a encontrar, nem com todos os móveis desarredados das paredes. A agonia que senti naqueles dias, sempre à espera que ela saltasse de algum recanto para cima dos meus pés... Nunca veio a acontecer, mas bastava a perspectiva para me paralisar. Não sei o que sentia mais, se medo, se nojo.

O certo é que, com ou sem cobra em casa, aquele foi o meu primeiro lar. Era a minha casa. Também eu tinha conseguido deixar o Outeiro Cimeiro sem nunca olhar para trás. Era fora dali que eu ia ser uma mulher por inteiro: esposa e mãe. E é isso que sou hoje. Tenho cinquenta e cinco anos e trinta e sete de casamento. O compromisso que assumi, cumpro com seriedade e a responsabilidade com que o encarei desde o primeiro dia. Fui abençoada com dois filhos e dois netos. Por mais voltas que dê e por mais difícil que por vezes se revele, o saldo da minha vida será sempre positivo e de

amor. Esta sou eu. Eu sou a minha família e a minha família é a minha vida.



*Manuela Valério e família*